

DA LIBERDADE *IN NATURA* À LIBERDADE *MEDIADA* NA OBRA O *INGÊNUO (L'INGÉNU)* DE VOLTAIRE

De la liberté in natura a la liberte médiée dans l'Œuvre L'Ingénu de Voltaire

Ubiratane Morais Rodrigues
UFMA

Resumo: Este artigo apresenta a liberdade e seu paradoxo como tema central no romance filosófico *L'Ingénu*, de Voltaire. O objetivo central deste artigo é demonstrar que há uma passagem da liberdade *in natura* ou *em si* para a liberdade *mediada* ou *para-si* no interior da obra. Esta passagem tem na figura de Eros e na formação humanista do Ingênuo, na Bastilha, seu fundamento e seu paradoxo. Eros apenas encaminha essa passagem, sendo a cultura, a filosofia e as artes, as que marcam a liberdade *mediada* no Ingênuo, pois a liberdade *mediada* só é possível após o *conhecimento refletido*, visto que ela se encontra em pacto com a *universalidade racional*.

Palavras-Chave: Liberdade; *L'Ingénu*; Romance Filosófico; Voltaire.

Résumé: Cet article présente la liberté et son paradoxe comme le thème central dans le roman philosophique *L'Ingénu*, de Voltaire. L'objectif centrale de cet article est de démontrer qu'il y a un passage de la liberté *in natura* ou *en-soi* pour la liberté *médiée* ou *pour-soi* dans l'oeuvre. Ce passage a dans la figure de Eros et de la formation humaniste du Ingénu à la Bastille son fondement et son paradoxe. Eros conduit uniquement ce passage, mais est la culture, la philosophie et les arts que marquent la liberté *médiée* dans l'Ingénu, car la liberté *médiée* seulement est possible après la *connaissance réfléchie*, car il est en accord avec l'*universalité rationnelle*.

Mots-clés: Liberté; *L'Ingénu*; Roman Philosophique; Voltaire.

Introdução

[...] quem quer que procurar a verdade se arriscará a ser perseguido. Será preciso ficar nas trevas? Ou será preciso acender uma chama na qual a inveja e a calúnia acenderão suas tochas? Creio que a verdade não deve se ocultar diante desses monstros assim como ninguém deve se abster de ingerir alimento por medo de ser envenenado. (O filósofo ignorante. *LVI começo da razão*. VOLTAIRE, 2001, p. 163).

Henri Bénac apresentando o conjunto de Romances e Contos de Voltaire demarca a posição exata de *L'Ingénu* na obra deste filósofo. Ela se encontra no grupo

de escritos de Voltaire que compreende os anos de 1761-1768. Entre as obras deste período, ela é a que mais se aproxima da forma romanesca pela força “[...] que revela para individualizar os personagens, dar-lhes um ser que nos toque, para centralizar sua aventura em torno de um drama, em lugar de a dispersar em uma série de acontecimentos esquemáticos demais para parecerem reais.” (BÉNAC, 1959, p. 8-9).

Esta observação já nos aponta uma dificuldade em abordar *L'Ingénu* segundo um gênero literário específico, pois variam as interpretações existentes da obra entre o conto e o romance. O próprio Henri Bénac apenas aproxima *L'Ingénu* do romance, visto que o mesmo desenvolve sua apresentação da obra como conto. Para ele, quando Voltaire começou a escrever contos, já tinha muita leitura de filosofia e história, ainda que, para o autor de *L'Ingénu*, o conto “[...] era um panfleto e não uma obra de erudição e de lógica” (BÉNAC, 1959, p. 12). Essa afirmação de Bénac baseia-se na compreensão de que o conto é um gênero livre, onde a imaginação pode agir sem citar referências específicas utilizadas em sua composição, pois o que estava em pauta era o objetivo a ser alcançado por Voltaire.

A forma artística dos contos, lembra Bénac, não foi inventada por Voltaire, sua época lhe ofereceu os modelos: histórias orientais, romances de aventuras entre outros. De umas ele retirou a inverossimilhança, de outros a forma intelectual. A ele, Bénac atribui a originalidade do conto ou romance filosófico. Para o autor deste artigo, isso não diminui o teor de leveza dos contos, nem faz do conto unicamente meio de uma teoria filosófica, neles existem ideias filosóficas e imaginação criativa em movimento.

Nesse sentido, podemos problematizar a ideia de sensibilidade intelectualizada presente nos contos de Voltaire apontada por Bénac (1959, p. 14), visto que poderíamos cair no extremo de reduzir a sensibilidade poética de Voltaire ao determinismo racional esquemático das filosofias idealistas tão criticadas por ele. Assim, quando Bénac afirma que “o melhor comentário dos Contos encontra-se, assim, nas obras filosóficas e históricas, e também na correspondência” (BÉNAC, 1959, p. 13), é preciso imediatamente dizer também: o melhor comentário da filosofia de Voltaire encontra-se em seus contos e romances. Isso nos permite compreender melhor o conto filosófico voltairiano numa perspectiva estético-filosófica, onde arte/literatura e

filosofia são determinadas no movimento dialético entre a pena do autor e a existência dos personagens.

Franklin de Matos, ao destacar Voltaire, Rousseau e Diderot como romancistas tardios, diz que Voltaire, durante quase quarenta anos, desconfiou do conto e do romance, e seu principal ponto de distanciamento era o caráter inverossímil presente nestas formas de expressão literária. Voltaire não estava só neste lugar de distanciamento, nas palavras de Matos:

[...] eu gostaria de insistir no lento processo de habilitação do romance no século XVIII, considerando as vagarosas ou tortuosas 'conversões' ao gênero experimentadas por Voltaire, Rousseau e Diderot. Como se sabe, embora os três autores tenham desempenhado papel decisivo nesse processo, escrevendo alguns dos melhores contos e romances do tempo, a princípio todos eles viam tais gêneros com olhos de desconfiança. (MATOS, 2004, p. 22).

Esta observação de Matos nos leva a tomar certa distância das interpretações apressadas sobre os contos e romances de Voltaire, pois ao nos aproximar dos romances e contos voltairianos hoje, parece-nos ter sido sempre esse o caminho de Voltaire, e isso é reforçado por muitos comentadores, quando nos dizem simplesmente que Voltaire é pai ou protagonista do conto filosófico. Esse distanciamento da atividade de escritor de contos, essa desconfiança em relação aos mesmos, pode ser a chave para encontrarmos possíveis explicações para a velocidade e visceralidade expostas nos contos e romances filosóficos de Voltaire; para usar um termo da psicanálise, poderíamos sugerir, como uma possível hipótese, que o sucesso de seus contos nasce no instante do *retorno do recalado*, tendo em vista os quase quarenta anos de reticência à fábula descrito por Matos:

Como se vê, nesses sessenta anos Voltaire praticou o conto de modo intermitente: dedicou-se ao gênero ainda mocinho, abandonou-o completamente, calando-se por muito tempo; voltou a experimentá-lo em seguida, abandonou-o de novo, e aos poucos rendeu-se finalmente a seu encanto, reconhecendo-lhe a importância. Para tanto, certamente foi preciso que renunciasse em parte à rigidez de sua formação clássica, andando no mesmo sentido que os ventos do tempo, cada vez mais favoráveis ao gênero romanesco. (MATOS, 2004, p. 24-25).

L'Ingénu nesse sentido pode ser lido como um romance filosófico, pois não tem a rigidez de um romance clássico, mas segue o sentido do vento, apresenta-nos filosofia e literatura como pares dialéticos, onde temos a pena madura de Voltaire a imprimir linhas fundamentais para o pensamento revolucionário do século XVIII.

Em *Note sur L'Ingénu*, René Pomeau (1966c) lembra o sucesso imediato da obra em sua publicação. Contudo, por questões de censura, a obra foi retirada de circulação, e só mais tarde ela volta ser publicada com a autorização do Estado.

Em 17 de setembro de 1767, a obra tem sua autorização cassada. Mas, neste mesmo ano, a obra conhece nova publicação e alcança sucesso, *quase como Candide*. Interessante que, apenas cinco dias após seu aparecimento em Paris, a obra foi retirada pela censura. Contudo, ela foi reimpressa e vendida clandestinamente e, como observa Varloot, conheceu um grande sucesso, foram 37 edições de 1767 a 1785: “esta condenação como seu sucesso provam a *atualidade impetuosa (actualité brûlante)* do livro.” (VARLOOT, 1955, p. 8. Grifo do autor).

L'Ingénu não apareceu com o nome de seu autor, ela aparece primeiro em Genève, e a existência dela é conhecida oficialmente em uma carta de 21 de julho de 1767 de M. d'Alembert a Voltaire (JONES, 1957, p. 8). Voltaire sabia dos perigos que corria, sua fama também não permitiria a publicação oficial em Paris. Nesse sentido, a obra escrita na *Época das Luzes* teve que aparecer nas sombras de Paris. O próprio Voltaire escrevendo ao livreiro La Combe em Paris reforçava que não era o autor do livro, mas sim o senhor M. du Lorens, autor também do livro *Compère Mathieu*. Somente na carta de 3 de agosto 1767, Voltaire confessa a d'Alembert ser o autor de *L'Ingénu*.

Os contratemplos no início do nascimento de *L'Ingénu*, da autoria à censura, reforçam a hipótese deste artigo da liberdade como ponto central dessa obra, pois a questão da liberdade das ideias ainda em processo de vigilância na França do século XVIII demarca o cenário onde Voltaire escreveu sua obra, e como teve dificuldades de expor suas ideias, dificuldades que fizeram dele “mestre na arte de fazer contrabando literário” (JONES, 1957, p. 10).

Acredito que os infortúnios no nascimento da obra e a força estético-filosófica desta levaram William Jones, na *Introduction* à edição crítica de 1957, à tese de que

“*L'Ingénu* é um [...] conto social e político de uma importância até aqui desconhecida [...] para o estudo de Voltaire e para aquele movimento literário e 'filosófico' desta segunda metade do século XVIII.” (JONES, 1957, p. 8).

Diante desse esboço sobre o surgimento de *L'Ingénu*, seguiremos a intuição de Pomeau (1966c, p. 319), para quem *L'Ingénu* acaba em romance. Esta obra, para ele, encontra-se dentro das narrativas europeias das viagens, além de ser um romance de formação, visto que no final o Ingénuo se tornou um guerreiro e um filósofo intrépido. Seguirei nessa linha de raciocínio pois, para mim, o Ingénuo representa um dos arquétipos do ideal de formação do homem universal presente no Século das Luzes.

Tendo como hipótese a liberdade como tema central de *L'Ingénu*, o objetivo central deste artigo é demonstrar, desde o título bem como de seus desdobramentos internos, que a liberdade não está dada explicitamente na obra, mas que há uma passagem da liberdade *in natura* ou *em si* para a liberdade *mediada* ou *para-si* que sustenta esta hipótese. Esta passagem tem na figura de Eros e na formação humanista do Ingénuo, na Bastilha, sua fundamentação e seu paradoxo. É preciso ter claro Eros como caminho, sendo a cultura, a filosofia e as artes os fundamentos que marcam a liberdade *mediada* no Ingénuo.

Para exposição desta hipótese interpretativa e alcance do objetivo central, após esta introdução, dividirei este artigo em cinco partes: na primeira, buscarei um método possível para abordagem de *L'Ingénu*; na segunda parte, apontarei algumas interpretações sobre possíveis temas centrais na obra para alguns comentadores, onde, por fim, afirmarei a liberdade como ponto gravitacional de *L'Ingénu*; estas duas partes sustentam os argumentos da terceira e quarta partes, que são a existência de uma liberdade *in natura* e a passagem para a liberdade *mediada*, respectivamente; por fim farei algumas considerações finais para reforçar a hipótese central desta exposição.

Abordagem de *L'Ingénu*: método

Em *L'Ingénu*, Voltaire não trabalha mais com a inverossimilhança, esta obra carrega a marca do realismo voltairiano, e nisso também podemos utilizar, como

utilizou Pomeau, o subtítulo da obra, “história verdadeira”. Como disse o próprio Voltaire, “*L'ingénu* passa melhor que *Candide*, [...] no que ele é infinitamente mais verossímil.” (VOLTAIRE apud POMEAU, 1966c, p. 321).

Ainda segundo Pomeau, temos nessa obra a influência de Rousseau e de outros escritores de sua época, visto que Voltaire busca com seus personagens responder e corrigir personagens literárias de seu tempo. Ademais, Voltaire, diferentemente do que acontece com outros escritos seus, não escreveu *L'ingénu* para diversão de seus amigos, “ele visa desta vez um público maior [...] leitores de romances.” (POMEAU, 1966c, p. 321).

Franklin de Matos, seguindo Deloffre, apontou, em *A cadeia secreta*, que “[...] Voltaire inicialmente encarava os contos como uma espécie de *jeu de société* e os escrevia para diversão da corte da duquesa du Maine, trazendo-lhe essas histórias assim como outros portavam flores ou caça.” (MATOS, 2004, p. 23). Nesse sentido, *L'ingénu*, como observou Pomeau, carrega o realismo de Voltaire, ele é um romance maduro, onde vários temas que encontramos dentro da obra já estão pincelados em outros contos e nos escritos mais sistematizados, sejam eles filosóficos ou históricos, como, por exemplo, o tema da religião e do selvagem.

Na descrição de Pomeau, os acontecimentos da obra nos prendem e seguimos sentindo o que o narrador quer, e na medida em que cresce espiritualmente o Ingênuo, vamos tendo mais interesse por ele. Não deixa dúvida que é um romance de formação, ou *quase* um romance, esta obra, pois o homem que se forma, aqui, é o homem livre num mundo absurdo cujos acontecimentos fogem à sua vontade.

Se esta obra é diferente dos outros escritos de Voltaire, como abordá-la? Qual filtro hermenêutico nos permite melhor escutar Voltaire em *L'ingénu*? Ao entrar na obra precisamos demarcar o método do autor, ou pelo menos saber qual método não utilizar. No tópico “O Ingênuo da praia”, Jean Starobinski nos apresenta uma interessante análise do estilo de Voltaire nesta obra que, para ele, é onde podemos encontrar o estado final da filosofia de Voltaire. Assim, aprofundando uma análise exegética da estrutura linguística da narrativa, Starobinski estabelece uma dualidade interna à obra, cuja assimetria identifica uma diferença de conteúdo, pelo menos na passagem da praia que ele analisa. Mas em que nos importa a compreensão do

método de Voltaire? Especificamente neste artigo, encarar a obra *L'Ingénu* sem os chavões estereotipados concedidos à filosofia de Voltaire, pois se queremos abordar a passagem da maturação da consciência da liberdade nela, não podemos simplesmente estabelecer a obra como mais uma sátira.

Starobinski desenvolve sua análise, baseada no contraste linguístico imposto pelo estilo de Voltaire, segundo a qual “estamos de início em presença da duplicação redundante, quase pleonástica, do epíteto anteposto.” (STAROBINSKI, 2001, p. 143). Dizer que o Ingénuo é livre não é quase um pleonasma? *Quase* porque a verdadeira liberdade, para Voltaire se dará depois da formação nas letras e nas artes: na *civilização*. O que importa para nós é que o estilo linguístico de Voltaire, segundo Starobinski, é o *leitmotiv* da narrativa,

a dualidade reina sob todas as formas em que se pode manifestar, em todas as combinações a que se prestam os diferentes níveis de linguagem (forma, sentido etc.). [...] a dualidade não se limita aos jogos emparelhados da igualdade ou da desigualdade morfológica, nem aos binômios semânticos associados segundo graus de contraste variáveis (indo do pleonasma à antítese.). (STAROBINSKI, 2001, p. 146).

Starobinski pergunta sobre as consequências do recurso à dualidade, embora ele responda, no primeiro plano, como um recurso do cômico; e, na narrativa, como medida do ritmo. Para mim, no âmbito filosófico, terá consequências pedagógicas. Apoio-me nessa ideia a partir da própria estrutura arquitetada por Starobinski, que percebe que o narrador de *L'Ingénu* não perde o controle de seus personagens, e mesmo que sua narrativa nos leve ao interior da obra, o contorno filosófico e pedagógico é latente ao leitor atento.

Remetendo-nos à relação do Ingénuo com a bela Saint-Yves, dizendo mesmo que a história é sobre essa relação, Starobinski salienta que “[...] o narrador não procura iludir: essas alternâncias cômicas são um jogo de sua pena, e não movimentos que pertenceriam à consciência de seu improvável herói.” (STAROBINSKI, 2001, p. 147). Voltaire tem o domínio de seus personagens. Toda estratégia linguística resultante da dualidade presente no conto “é de fato uma das leis do conto filosófico.” (STAROBINSKI, 2001, p. 147).

Uma segunda dicotomia no estilo de Voltaire, que é apresentada por Starobinski, é o corte entre o efeito e a causa. Segundo ele, priorizar o efeito é o meio pelo qual as coisas absurdas da humanidade são expostas ao ridículo no conto. Nessa lógica, temos a filosofia sensualista na base da compreensão filosófica do conto, que incidirá sobre a compreensão da liberdade *mediada*, esta não é dada *a priori*, o homem não é um ente *a priori*, mas processo, desdobramento das experiências empíricas: interiores e exteriores.

Starobinski, assim, nos ajuda a compreender que o método utilizado por Voltaire em *L'Ingénu* é o próprio desenvolver de sua filosofia, não há *a priori* na formação do Ingênuo “a percepção precede a apercepção, que precede, ela própria, a reflexão e a compreensão. Voltaire esquematiza a experiência 'natural' de seu herói.” (STAROBINSKI, 2001, p. 154).

A tese de Starobinski é que a leitura de *L'Ingénu* deve ser guiada pela *lei dos dois tempos* ou a *lei do fuzil de dois tiros*. Sabendo disso, acredito que a dualidade é a marca do método utilizado para apresentar a passagem da liberdade *in natura* à liberdade *mediada*, ou ainda, do desenvolvimento do espírito. Contudo, para mim, a dualidade é um recurso metodológico, não uma forma da qual se tira conclusões à revelia do conteúdo. Há uma dualidade na questão da liberdade? Sim. Mas apenas aparente, pois a liberdade *in natura* é condição de possibilidade do desenvolvimento rápido e ávido do Ingênuo sob os olhos de Gordon. Assim, é preciso ter bem claro que “a lei do fuzil de dois tiros, como se vê, é a expressão de uma visão do mundo. Não há bem sem mal, nem mal sem bem, e isso em proporções desiguais.” (STAROBINSKI, 2001, p. 160). Os dois amigos foram recompensados. Para mim, o que está em jogo na *lei* é um processo dialético entre a pena do autor e os absurdos da sociedade francesa do século XVIII; pode-se dizer, ainda, que a dualidade como recurso e método é necessária para não se fazer da obra *L'Ingénu* nem um tratado de filosofia, nem mais uma sátira temporal.

Correríamos o risco de errar na interpretação se tentarmos ler *L'Ingénu* como uma continuidade de *Candide*, ou como se o estilo literofilosófico de Voltaire permanecesse inalterável e, nesse sentido, a dualidade dialética é para mim fundamental na compreensão coerente desta obra. Como nos diz Starobinski,

o jogo, a paródia, a sátira, a denúncia da violência no mundo atual, a investigação filosófica: eis aí o que forma não apenas uma obra compósita, mas um texto *sem precedente*, um texto que não quer ter, com aqueles que lhe são anteriores, senão polêmicas. [...] ele é “o livro *fora da literatura*, fora da filosofia, que zomba da literatura e da filosofia, e que não pode fazer outra coisa a não ser propor, por sua vez, uma outra literatura, uma outra filosofia. (STAROBINSKI, 2001, p. 122. Grifo do autor).

Maria das Graças Nascimento, em seu livro *Voltaire: a razão militante*, também fala de uma dualidade em Voltaire, mas não especificamente em *L'Ingénu*, ela fala de uma dualidade estrutural como característica principal dos contos do filósofo, onde “[...] a narração dos fatos é apenas um pretexto para a investigação filosófica. [...] todos os procedimentos e o imaginário dos contos são, pois, o suporte da discussão de problemas filosóficos.” (NASCIMENTO 1993, p. 57. Grifo meu).

Para mim, é deveras redundante esse posicionamento interpretativo. Visto que Voltaire tem preocupações estéticas com o estilo e com a literatura, ele escreve tragédias e comédias, contos, romances e poemas, e também é crítico, escreve sobre esses gêneros. O que me leva a suspeitar de que a literatura tem em Voltaire uma função filosófica e uma função estética indissociáveis, mas sem que haja uma superioridade epistemológica de qualquer lado. Assim, penso que a comentadora supracitada, ao universalizar o pensamento de Voltaire no campo da filosofia, reduz seu potencial artístico e sua concepção estética ao racionalismo puramente filosófico, que vários comentadores julgam incompatíveis com Voltaire, e eu acrescento: incompatível ainda com a militância de nosso filósofo defendida pela própria comentadora.

Minha leitura de *L'Ingénu* será guiada pela dualidade dialética interna à obra, ou seja, seguindo a passagem da liberdade *in natura* à liberdade *mediada*. Assim, a atenção será redobrada para não cair na armadilha do reducionismo de gênero, nem no realismo mecanicista. Pois como nos alerta a interpretação de Starobinski, “porque as instituições são absurdas, o mal parece prevalecer. Mas essa vitória, que parece inevitável, é reversível.” (STAROBINSKI, 2001, p. 160. Grifo meu).

A liberdade como ponto gravitacional de *L'Ingénu*

Levantando alguns questionamentos sobre *L'Ingénu*, René Pomeau nos ajuda a encaminhar a hipótese de trabalho: qual é a ideia central desta obra? É uma resposta às teorias de Rousseau sobre a natureza? Um panfleto contra os jesuítas? Um conto político, dirigido contra o absolutismo do *Ancien Régime*? Ou uma visão geral da doutrina social de Voltaire? (POMEAU, 1966c, p. 319).

Sobre estas questões, Pomeau faz algumas considerações pertinentes, entre elas, a de que, no esquema primitivo da obra, *L'Ingénu* aparecia como uma oposição entre natureza e sociedade, mas esse tema não viria de Rousseau, Voltaire já estava trabalhando sobre ele em alguns contos anteriores. Entretanto, a tese de Voltaire se opõe à Rousseau: “a apologia da natureza não se torna um requisito contra a cultura. O Ingênuo endereça sua inocência nativa contra a corrupção de uma religião fictícia e contra as estruturas de um Estado pervertido.” (POMEAU, 1966c, p. 319-320). Para Voltaire, como ele deixará claro no episódio da Bastilha nos capítulos X, XI, XII e XIV da obra, a cultura é fundamental na formação do homem. Segundo Pomeau, esta é a ideia central da obra, que se anexa às outras teses, como o ataque aos jesuítas, e aqui entra em jogo a questão da revocação do *édit de Nantes*. Além da corrupção dos ministros do Estado.

A tese de Pomeau, embora não seja a mesma de outros comentadores, nem a minha, corrobora a fundamentação da intuição que guia a hipótese da liberdade como tema central da obra. Posto que a formação do Ingênuo se dá na passagem da liberdade *in natura* para a liberdade *mediada*, ou seja, na contribuição daquilo que de mais elevado a civilização pôde construir em forma de cultura, útil na formação do humano para viver livre segundo suas ideias e exercer de forma consciente seus deveres de *citoyen*.

William Jones, inspirado por Paul Valéry, questionando sobre a ideia central deste romance, oferece como resposta a atualidade: “tanto como sátira social, política e religiosa, é sobretudo um livro da atualidade e que, por este feito, se distingue dos outros romances de Voltaire.” (JONES, 1957, p. 20). Após indicar sua tese, Jones alerta para o risco envolvido na busca por esta ideia, apontando que nem todos os comentadores estão de acordo entre si, apresentando, assim, a dificuldade de se

precisar a concepção de um tema central na obra. Ele faz uma rápida apresentação de alguns pesquisadores importantes sobre o pensamento de Voltaire que tentaram expor a ideia central de *L'Ingénu*.

Com M. Gonnard, temos a querela com o bom selvagem de Rousseau; com Faguet, outro ponto: o desmascaramento do cristianismo, tese que, para ele, é discutível; já com Mr. Wade, temos a tese de que todos os homens, mesmo dotados de uma razão, precisam da civilização para se desenvolverem, em outros termos, teríamos aí a doutrina social de Voltaire, que exporia o aperfeiçoamento do homem em contato com a civilização. Esta tese é, em parte, verdadeira para Jones.

Diante dessas três teses, William Jones afirma que não se pode desconsiderar a crítica social e religiosa em *L'Ingénu*, pois esta possui amplo espaço na obra. Lembra, ainda, que não foi a querela civilização *versus* estado de natureza selvagem a causadora da interdição do livro pela polícia quinze dias depois do seu aparecimento, mas, sim, as críticas social e religiosa. (JONES, 1957, p. 23). Aqui temos uma pequena falta de precisão quanto ao tempo pois, enquanto William Jones diz que a obra foi retirada quinze dias depois da publicação, Jean Varloot (1955, p. 8) fala em apenas cinco dias após seu aparecimento em Paris, mas nada que diminua as pesquisas de ambos.

Jones também apresenta a tese de M.J. Nivat, para quem a ideia central da obra seria o ataque de Voltaire aos jesuítas. Não é o propósito deste artigo expor todas essas teses, elas são apontadas aqui como visão geral da riqueza de possíveis linhas de abordagem dessa obra, assim como para demarcar que, para o autor deste artigo, a presente abordagem difere das demais e contribui na compreensão do tema.

A partir desta exposição de teses sobre *L'Ingénu*, Jones (1957, p. 24) expõe sua tese: “é uma filosofia de luta que impregna o livro, atacando tanto os abusos da máquina administrativa, tanto a intolerância da Igreja, como a teoria utópica de Rousseau sobre o estado de natureza. Eis aí as questões da atualidade tomando o papel principal em *L'Ingénu*.”

Embora também não seja essa minha hipótese, é inegável sua contribuição para fundamentá-la. Pois *L'Ingénu* é um livro da atualidade de Voltaire, da atualidade da França. Não se pode omitir a liberdade nessa atualidade. Poderíamos também

incluir a tese de Starobinski, que aponta como ideia central da obra a dualidade, a lei do fuzil de dois tiros exposta acima. Por não ser uma preocupação para ele estabelecer a ideia central da obra, não a desenvolveremos nesta parte do artigo.

A hipótese deste artigo de que a liberdade é o tema central de *L'Ingénu*, embora por outros caminhos, coincide com a tese de Jean Varloot, para quem a liberdade também é o objetivo central da obra *L'Ingénu*. Segundo ele, esta obra é um romance: “o fato essencial é que ele consagra todo um romance [...] à luta contra as prisões e detenções arbitrárias. *L'Ingénu* é antes de tudo dirigido contra a Bastilha, [...]. Todo o romance vibra uma reivindicação essencial, *la liberté*” (VARLOOT, 1955, p. 15. Grifo do autor). Ele nos lembra das *lettres de cachet*, das mulheres presas nos conventos, e aqui lembro como exemplo *A Religiosa*, de Denis Diderot, e os homens como o jansenista Gordon, preso na Bastilha.

No momento do surgimento de *L'Ingénu* em Paris, havia uma batalha filosófica contra as *lettres de cachet*, estava na ordem do dia o problema da liberdade. Assim, não era só Voltaire quem lutava contra os grilhões do Estado e da religião, estes eram um problema social e filosófico, cujas respostas apareciam prudentemente disfarçadas em forma de romances e contos.

Mesmo que a luta filosófica tenha fracassado naquele momento específico, pois o rei não revogou as *lettres de cachet*, Jean Varloot assevera que não foi uma luta em vão, pois ela preparou a opinião pública para o movimento que estava por vir, a Revolução Francesa. Assim, o tom revolucionário da tese de Varloot nos ajuda na fundamentação da hipótese deste artigo, segundo ele: “*L'Ingénu* é, antes de tudo, uma das primeiras balas de canhão contra a Bastilha”. (VARLOOT, 1955, p. 16). E é nessa relação Ingênuo-Bastilha que, para mim, encontramos a tensão do paradoxo da liberdade.

Feita essa rápida exposição das tentativas de localizar a ideia central do *L'Ingénu*, ousamos, também – certos da advertência de William Jones (1957, p. 25) quanto ao risco de se fazer afirmações sobre a obra de Voltaire: “[...] poder-se-ia dizer mesmo que é supérfluo proceder assim” –, propor que o ponto gravitacional de *L'Ingénu* é a liberdade, mas a liberdade apresentada de forma paradoxal: liberdade em movimento, ou melhor, de passagem. Em suma, a passagem da liberdade *in natura* ou

em si para a liberdade *mediada* ou *para si*. Passagem essa que tem na formação do Ingênuo seu ponto-chave. Minha hipótese interpretativa da obra é que a liberdade aparece como objeto central desta e como paradoxo, e que o esforço de Voltaire é apresentar o percurso, e a necessidade do mesmo, da *liberdade em-si* à *liberdade para-si*.

Enquanto tema central, destaco o próprio título da obra e seus desdobramentos concernentes à liberdade: *L'ingenu* é, ao pé da letra, um homem simples, sem maldade no coração, cômico. Entretanto, partir simplesmente dessa noção é incorrer em um erro gravíssimo, pois segundo a significação jurídica romana, que certamente era conhecida do autor do romance, *ingenuus* é o homem que nasceu livre. E só quem é *ingenuus* pode agir livremente no discurso e nas ações. Assim, o título da obra *L'ingenu* remete ao personagem que nasceu livre, e o subtítulo da mesma, “História verdadeira”, reforça esta hipótese, uma vez que é verdade que todo homem nasce livre. Essa hipótese é confirmada na própria fala do Ingênuo, no capítulo XIV, quando ele diz a Gordon: “o meu caso é cem vezes mais lamentável que o seu, [...] *nasci livre* como o ar; eu tinha duas vidas, *a liberdade* e o objeto de meu amor: tiraram-mas”. (VOLTAIRE, 1959a, p. 288. Grifo meu).

No primeiro capítulo do livro, nosso herói deixa claro sua essência, reforçando esta hipótese, quando indagado por seu nome: “sempre tive o nome de Ingênuo [...] e esse *apelido* me foi confirmado na Inglaterra, porque sempre *digo* candidamente o que *penso*, como costume *fazer* tudo o que *quero*.” (VOLTAIRE, 1959a, p. 250. Grifo meu).

A princípio, a universalidade da fala do Ingênuo o coloca como homem livre que vive segundo a coerência ser-linguagem-pensar-agir. Em outras palavras, sua declaração de liberdade. O Ingênuo nasceu livre, mas alcançará a verdadeira liberdade no contato com a civilização em forma de cultura, filosofia, ciência e arte, como veremos mais adiante.

A hipótese da liberdade como tema central tem um desdobramento: seu próprio paradoxo. Pois embora o hurão – que não tem nome, apenas apelido de Ingênuo – não estabeleça incoerências entre pensamento e linguagem, nem entre pensamento-práxis, há um paradoxo em sua liberdade pois, segundo nosso filósofo,

somente ao final ele devém homem, ou seja, somente a partir do momento em que ele tem consciência da liberdade; depois de ter passado pelas mediações da experiência humana social em todas as suas contradições e coerências; depois de ter se servido do que a humanidade construiu sob forma de conhecimento teórico – filosofia, artes e ciência –; é que o hurão pode, então, considerar-se nascido de novo, nascido livre, e como homem livre compreender a *liberdade para-si*. Compreender que a relação ser-linguagem e pensamento-ação deve ser mediatizada pela consciência experienciada e forjada nos processos constitutivos do ser social.

Onde está o paradoxo? A primeira liberdade é apenas um apelido, é apenas uma fantasmagoria, mas fundamental, pois não é reconhecida socialmente, uma vez que só o nome gravado em certidão insere o ser vindo (*ingenuus*) ao mundo no Estado. Nesse caso, o batismo o introduzirá na sociedade, dará a ele o nome de Hércules de Kerkabon, no capítulo IV do *L'Ingénu*.

Toda ação do Ingênuo durante a primeira parte do livro, antes de ser preso na Bastilha, é apenas imediata, guiada por aquilo que ele mesmo definiu como *por natureza*, ou seja, pelas paixões imediatas. E a segunda liberdade é alcançada na Bastilha, ou seja, paradoxalmente a prisão o libertou, não a Bastilha em si, mas a civilização, onde o Ingênuo formou-se homem e filósofo, para depois ser reconhecido como pessoa de direitos e deveres, um homem do Estado, alcançando o que eu chamo aqui de liberdade *mediada*.

A liberdade *in natura*

Do capítulo I ao capítulo IX de *L'Ingénu*, temos uma exposição da liberdade *em si*, ou liberdade *in natura*, as ações do Ingênuo são espontâneas, baseadas em sua natureza livre de pré-conceitos. Contudo, são pautadas numa razão: a razão natural. Somente no final do livro, o Ingênuo será filósofo mas, no início, ele já tem a marca *in natura* do filósofo: a curiosidade (VOLTAIRE, 1959a, p. 249). Não só a curiosidade é a marca desse *filósofo ignorante*, o questionamento também é sua ferramenta fundamental para pôr-se no mundo. Isso fica claro em seus posicionamentos sobre o episódio da conversão ao cristianismo e no episódio da confissão, no capítulo III.

Também questionou os argumentos do batismo, no capítulo IV, e, por fim, questionou a impossibilidade de casar-se com a senhorita St. Yves.

Sua razão natural levava-o à ação. Ele não mediava. Ele realizava o que dizia, era seu costume fazer tudo o que pensava. Não foi diferente em relação à sua amada, ele foi atrás dela:

O Ingênuo, logo que chegou, tendo perguntado a uma velha servidora onde ficava o quarto de sua amada, empurrou fortemente a porta mal fechada e lançou-se para o leito. A senhorita St. Yves, despertando em sobressaltos, exclamou: “que é isto! É o senhor! Ah! Pare! Que está fazendo?” ele respondeu: “vim desposá-la, e, com efeito, ele a desposava, se ela não tivesse se debatido com toda a honestidade de uma pessoa que tem educação.” (VOLTAIRE, 1959a, p. 264).

Alguns dos argumentos para a ação do Ingênuo, na primeira parte do livro, pautam-se na ideia de que ele era um selvagem. A questão a ser levantada é que o Ingênuo não é um autêntico selvagem. Ele é nascido na Baixa-Bretanha. Ademais, essa expressão de liberdade que permeia a primeira parte do livro, assim como os primeiros ritos de inserção do Ingênuo na cultura francesa – conversão, confissão, batismo, casamento – fazem-no apenas parecer um selvagem. Contudo, a visão de selvagem desenvolvida por Voltaire já traz em si o conceito de liberdade *in natura*.

O tema do selvagem era banal no tempo de Voltaire, o que o torna diferente e importante, segundo Varloot, é que *L'Ingénu* vai além dos procedimentos de fazer uma crítica à sociedade francesa.

Para Voltaire, ao contrário, que não admite a 'robinsonnade' a não ser como tema do individualismo burguês, os selvagens são selvagens, bárbaros. Os Hurões são canibais, e seu Hurão não é um verdadeiro Hurão. Ele é de origem bretão, e, se a dúvida subsiste no capítulo II, ela é dissipada no capítulo seguinte. Em realidade o herói somente recebeu uma *educação* selvagem. Isto é, negativamente. (VARLOOT, 1955, p. 20-21).

Em seu escrito *Filosofia da história*, no capítulo VII, Voltaire trata dos selvagens. Sua definição é: “entenda por *selvagem*, rústicos que vivem em cabanas com suas fêmeas e alguns animais, expostos sem cessar a todas as intempéries das estações [...]” (VOLTAIRE, 2007b, p. 58. Grifo do autor). Na continuação desta definição, ele segue fazendo uma descrição de uma vida bem primitiva dos selvagens,

e comparando com o modo de vida dos franceses “civilizados”, inclusive em relação ao trabalho, à guerra e aos ritos religiosos. Entretanto, destaco três movimentos que fogem ao padrão comum de abordagem desse tema no tempo de Voltaire: o primeiro é o reconhecimento de que existem selvagens também na Europa; o segundo, que os selvagens do Canadá – de onde veio o Ingênuo – são superiores aos da Europa; e o terceiro é predicá-los como livres, eles são livres, na escrita do próprio Voltaire:

há desses selvagens em toda a Europa. Há que convir sobretudo que os povos do Canadá e os cafres, que houvermos chamar por bem de selvagens, são infinitamente superiores aos nossos. [...] Os povos da América e da África são livres, e nossos selvagens nem sequer têm ideia do que seja a liberdade (VOLTAIRE, 2007b, p. 58. Grifo meu).

Essas três características estão presentes na primeira parte do *L'Ingénu*, e Voltaire ainda lhes acrescenta a honra, que os selvagens da Europa não conhecem, o patriotismo, a coragem e uma *energia heroica*. (VOLTAIRE, 2007b, p. 59). Não é assim que age o Ingênuo no episódio da praia, no capítulo VII, quando repele os ingleses? Não podemos deixar de notar a exaltação do homem no estado de natureza. Instintivo? Sim. Mas vivendo segundo a razão natural, e muito longe do homem no estado de natureza de Rousseau.

Também há uma crítica severa do Ingênuo ao conceito de selvagem no capítulo X, no diálogo com Gordon. Ele diz: “meus compatriotas da América nunca teriam agido com a barbárie que estou experimentando [...] eles são chamados de *selvagens*; são gente de bem grosseira, ao passo que os homens deste país são refinados patifes.” (VOLTAIRE, 1959a, p. 274. Grifo do autor).

O Ingênuo é livre, chega como homem livre, nasceu livre, resistiu à tentativa dos ingleses de torná-lo prisioneiro e garantiu com uma energia heroica sua liberdade: “[...] durante um combate fui feito prisioneiro pelos ingleses, depois de ter me defendido muito bem; [...] dispuseram-me a devolver-me aos meus pais ou levar-me para a Inglaterra com eles; aceitei a última proposta.” (VOLTAIRE, 1959a, p. 250). Isso explica toda a resistência do Ingênuo aos procedimentos civilizatórios que tentaram impor-lhe por via do cristianismo, e mais tarde à formação na Bastilha.

O ponto central onde começa o processo de trans-formação da liberdade *in natura* em liberdade *mediada* é, para mim, o capítulo V, quando o Ingênuo declara seu

amor à St. Yves. Parece-me ser Eros o motor dessa ascese imanente. Pois é a partir desse momento que todo o romance se desenvolverá com mais intensidade.

A frustração e a revolta, somados ao amor de nosso herói por St. Yves, levará ao seu reconhecimento, na praia, pelo povo da Baixa-Bretanha; ao encontro com Gordon na Bastilha; e, por fim, à sabedoria e cidadania. Terá reconhecidos seus direitos e defenderá o rei. Essa hipótese sobre Eros como motor da ascese imanente não foi intuída só da leitura da obra, mas de uma bela passagem do *Tratado de metafísica* de 1734, onde Voltaire diz:

Bastou, para que o universo seja o que é hoje, que um homem se apaixonasse por uma mulher. O desvelo mútuo que eles terão um pelo outro e seu amor natural pelos filhos logo terão despertado o seu engenho e dado origem ao começo tosco das artes. Duas famílias terão tido a necessidade uma da outra logo que tiverem sido formadas, e dessas necessidades advirão novas comodidades. (VOLTAIRE, 2001, p. 77).

Bastou o amor de St. Yves para que o Ingênuo denunciasses as arbitrariedades do Estado e o fanatismo dos jesuítas. Foi Eros quem o levou até Paris. A liberdade *in natura*, onde Eros domina, necessita de sua outra face, a liberdade *mediada*, e será pelo paradoxo que o Ingênuo conseguirá passar de uma à outra. Pois a Bastilha, lugar de prisão e sofrimentos, será o lugar de transformação do Ingênuo. O que lhe permitirá realizar seu desejo de ser útil. (VOLTAIRE, 1959a, p. 272).

Contudo, na tentativa de ser útil; de ter sua amada fora do convento e com ela casar-se; de intervir por cinquenta mil famílias junto ao rei, fez com que o Ingênuo tivesse sua liberdade cerceada. A carta de um jesuíta ao rei fê-lo parecer o mais perigoso dos homens. Ele foi trancafiado na Bastilha. Nesse episódio do capítulo IX, temos uma passagem dramática descrita por Voltaire que nos faz passar do riso à reflexão, a liberdade *in natura* não pode mais nada, já não é possível ser livre, é hora do encontro com a verdadeira liberdade, a liberdade *mediada* pela razão. A descrição da prisão do Ingênuo tem algo de assombroso e revoltante, e ao mesmo tempo pesado e poético, só quem viveu essa experiência poderia descrevê-la tão bem:

Chegam enfim à morada que fora destinada ao hurão. Levam-no em silêncio para o quarto onde devia ficar encerrado, como um morto que se leva ao cemitério. [...] e imediatamente foram fechados os

enormes ferrolhos da pesada porta, recoberta de largas barras. (VOLTAIRE, 1959a, p. 273).

A liberdade *mediada*

A liberdade é um tema que percorre os escritos de Voltaire, assim apresentarei *en passant* alguns pontos sobre a liberdade para nosso filósofo. No *Tratado de Metafísica* de 1734, ele argumenta que “talvez não haja questão mais simples do que a da liberdade; mas não existe outra que os homens tenham complicado mais.” (VOLTAIRE, 2001, p. 68). Propondo-se a saber se o homem é livre, estabelece um método para sua investigação: “despojemos, em primeiro lugar, a questão de todas as quimeras com que se costuma embaracá-la e definamos o que entendemos por essa palavra, *liberdade*.” (VOLTAIRE, 2001, p. 69. Grifo do autor). Após sugerir o método, ele estabelece seu ponto de partida para a investigação: “a liberdade é unicamente o poder de agir. Se uma pedra se movesse por sua escolha, ela seria livre; os animais e os homens têm esse poder; portanto são livres” (VOLTAIRE, 2001, p. 69). Este parece ser, e é, o cerne do *Ingênuo*: a ação.

Para melhor compreendermos o que chama aqui de liberdade *mediada*, faz-se necessário entender os argumentos de Voltaire sobre a liberdade. Em sua pesquisa, ele descobre algumas verdades fundamentais conectadas umas às outras:

Há algo que existe, portanto algum ser existente desde sempre, portanto esse ser existe por si mesmo por uma necessidade absoluta, portanto é infinito, portanto todos os outros seres vêm dele sem que se saiba como, portanto ele pode comunicar-lhes a liberdade assim como lhes comunicou o movimento e a vida, portanto ele nos deu essa liberdade que sentimos em nós assim como nos deu a vida que sentimos em nós. (VOLTAIRE, 2001, p. 71).

Voltaire não tem dúvidas de que nossa liberdade funda-se em Deus, não no Deus providência do cristianismo, mas um Deus que não intervém pelos homens. Sobre as características de nossa liberdade ele assevera: “a liberdade é a saúde da alma; [...] Nossa liberdade é frágil e limitada, [...]. Nós a fortalecemos ao nos acostumarmos a fazer reflexões, e esse exercício da alma torna-a um pouco mais vigorosa.” (VOLTAIRE, 2001, p. 72).

Esse exercício só pode ser feito através da cultura, da filosofia, da arte e da ciência. Em outras palavras, a liberdade *in natura* é frágil, não é suficiente para fazer

existir o ser social, é preciso alimentá-la. A formação fará a liberdade mais forte, e nesse sentido podemos dizer que a Bastilha foi a escola *formal* do Ingênuo. Pois, nela, o Ingênuo passou da liberdade *in natura* à liberdade *mediada*.

Voltaire reconhece que jamais chegaremos a eliminar a liberdade *in natura*, e nem devemos, pois a razão não é supressão definitiva dos desejos: “sempre haverá, em nossa alma como em nosso corpo, movimentos involuntários. Não somos nem livres, nem sábios, nem fortes, nem sãos, nem espirituais senão num grau ínfimo. Se fôssemos sempre livres, seríamos o que deus é.” (VOLTAIRE, 2001, p. 73). Isso não implica que o homem não seja livre, apenas que a liberdade infinita só pertence a Deus.

Ainda sobre a liberdade nos escritos não literários de Voltaire, temos um passo a mais na questão XIII de sua obra *O Filósofo ignorante* de 1766, a questão *se sou livre?*. Temos uma definição:

Ser verdadeiramente livre é poder. Quando posso fazer o que quero, eis a minha liberdade; mas quero necessariamente o que quero; do contrário quereria sem razão, sem causa, o que é impossível. Minha liberdade consiste em andar quando quero andar e quando não tenho a gota (VOLTAIRE, 2001, p. 105).

Esta definição tem suas raízes na filosofia de John Locke, mas não a desenvolverei aqui, basta apontar que a liberdade como tema filosófico em Voltaire realiza-se, em última instância, no agir. É o grau de saúde da alma e o alcance da ação que determinam a resposta à pergunta *se sou livre?*. Assim, compreendida a liberdade filosoficamente, posso apresentar a formação do Ingênuo como determinante de sua liberdade *mediada*.

Pelo desenvolvimento reflexivo; pelo domínio das paixões; pelo fortalecimento da alma e pela ação, percebemos uma mudança qualitativa nos atos do Ingênuo, qualitativa no sentido de diminuição da espontaneidade, aumento de reflexão nas tomadas de decisão e na ação empírica.

Voltemos, mais uma vez, às análises de Jean Varloot sobre a liberdade como tese central de *L'Ingénu*, antes de passarmos à exposição final da liberdade *mediada*, como a entendo a partir da leitura da obra e dos escritos de Voltaire.

Jean Varloot, em *Sens et valeur de l'Ingénu*, situa *L'Ingénu* no momento inicial das transformações sociais econômicas e políticas da França na segunda metade do século XVIII, e no esforço da burguesia em livrar o rei das más influências e levá-lo às reformas desejadas por essa classe. Mas a contradição aparece, pois o desportismo esclarecido não é mais forte que a classe burguesa agora economicamente fortalecida. Isso gerou a necessidade de mudança de regime. O que levou ao estabelecimento de conflitos entre a burguesia e o absolutismo. E, nesse momento, a burguesia soube trazer o povo para o seu lado, principalmente quando reivindicava o fim das desigualdades (VARLOOT, 1955, p. 08).

Nesse sentido, Varloot afirma que a obra *L'Ingénu* tem um caráter progressista, como muitas outras obras, mas ela “[...] é uma prova e um dos melhores exemplos.” (VARLOOT, 1955, p. 8). Ela é também uma obra política. Pois o Ingénu vive segundo a lei da natureza na primeira parte do livro, e é em todo ele um crítico voraz dos absurdos, fanatismos e injustiças da sociedade francesa. Varloot qualifica *L'Ingénu*, como “panfleto político contra os abusos do Antigo Regime, [...] através do reinado de Luís XIV, o de Luís XV.” (VARLOOT, 1955, p. 10). Ressalte-se, aqui, que essa não é a última determinação do comentador sobre esta obra, ele mesmo a considera um romance filosófico.

A interpretação de Varloot sobre *L'Ingénu* baseia-se nos acontecimentos sociopolíticos da época de Voltaire, sua tese de que a liberdade é a ideia central do livro aparece assim, ligada diretamente ao contexto da obra, não ao desenvolvimento interno da mesma. Ao contrário de Jean Varloot, minha hipótese dá-se pelo movimento interno da obra. Contudo, pensava também no contexto da obra, claro que sem a riqueza de detalhes e todas as descobertas trazidas por Varloot. Este corroborou definitivamente para que eu pudesse sustentar que a ideia central de *L'Ingénu* é a liberdade, mas a liberdade em sentido paradoxal, primeiro como liberdade *in natura* presente na primeira parte do livro, depois como liberdade *mediada* após a formação do Ingénu na Bastilha. Reforço que, aqui, não há ruptura entre uma e outra, mas uma trans-formação qualitativa e necessária à vida em sociedade.

Esse romance se desenvolve entre 1689-1690. Isso leva Varloot a chamar a atenção para um dado importante na história da Europa nessa época: “A Inglaterra

acabara de conquistar as liberdades burguesas.” (VARLOOT, 1955, p. 10). Mesmo se desenrolando numa época anterior, *L'Ingénu* é atual na França.

O que acontecia na época de *L'Ingénu*? Influência do clero sobre o poder do Estado, exercido no sentido de intolerância e fanatismo; arbitrariedade gratuita dos ministros do Estado e prisão descontrolada sob a forma de *lettres de cachet* (VARLOOT, 1955, p. 11). Pensando nessas questões, Varloot estabelece duas linhas de ataque presentes em *L'Ingénu*: ao parlamento e aos jesuítas.

Mesmo com severas críticas aos jesuítas, “[...] o objetivo principal é a *arbitrariedade* do regime, em seus homens e seus procedimentos.” (VARLOOT, 1955, p. 12), e o alvo do parlamento eram os próprios filósofos, editores, vendedores de livros e leitores de livros não autorizados. Uma nota interessante, para a qual Varloot nos chama a atenção, refere-se ao fato de que, em 1767, um decreto real proibiu toda a publicação relativa à questão religiosa. Como exemplo, ele cita: “três meses antes da aparição de *L'Ingénu*, em abril de 1767, *Bélisaire*, romance contra a intolerância, de Marmontel, amigo e discípulo de Voltaire, foi condenado oficialmente.” (VARLOOT, 1955, p. 13). Sabendo disso, Voltaire, no capítulo XI, faz alusão a esse processo:

ele topou um dia com uma história do imperador Justiniano. Nela dizia-se que alguns apedeutas de Constantinopla tinham lançado, em muito mau grego, um edito contra o maior capitão do século, porque esse herói tinha pronunciado as seguintes palavras no calor da conversação: “A verdade resplandece com sua própria luz, e não se iluminam os espíritos com as chamas das fogueiras”. Os apedeutas sustentaram que essa proposição era herética [...]. (VOLTARE, 1959a, p. 280).

A ideologia presente n’*O Ingênuo* terá o caráter das filosofias do século XVIII. Voltaire combateu veementemente o tipo de acontecimento acima referido, seu recurso será a razão e a lógica, e ele utilizará sua *ironia combativa*. Varloot é enfático: “todas as páginas de *L'ingénu* revelam o apelo à razão, à lógica, contra o absurdo e o falso. [...] Antes de tudo, ele luta contra a intolerância e contra o aspecto feudal da Igreja.” (VARLOOT, 1955, p. 16). Voltaire é um *Philosophe de l'action* (VARLOOT, 1955, p. 19), seu *Ingênuo* não poderia ser de outra maneira, mas foi preciso que ele mostrasse que a espontaneidade, que a liberdade *in natura* é insuficiente na luta contra as injustiças de seu tempo, ela foi útil em muitos aspectos ao *Ingênuo* mas,

onde a civilização chegou a um maior grau de *sofisticação*, tal liberdade o encarcerou. É preciso passarmos à liberdade *mediada*, pois assim é possível falar mais alto e com argumentos rigorosos, afinal, os jesuítas são doutores em Filosofia. É preciso combater com as armas corretas. Como nos chama a atenção Varloot, “[...] L'Ingénu, com suas regras, suas insolências, suas ‘mancadas’, é o Voltaire indignado com os burgueses conformistas e tímidos, indignado de seu estoicismo exagerado, [...]” (VARLOOT, 1955, p. 19).

Chegamos ao ponto de tensão de nosso artigo, a Bastilha, onde se dará propriamente o contato do “selvagem”, o *ingenuus*, o homem que nasceu livre; que diz o que pensa; que age espontaneamente; que não vê contradição entre pensar e ser, à diferença do velho Gordon, o “civilizado”, que sabe mediar as ações por meio de categorias do pensamento. Nesse encontro dialético, teremos o processo pedagógico que completará a ascense imanente da liberdade iniciada, por Eros, no capítulo V.

Na Bastilha, Voltaire põe em prática uma conhecida dialética, a maiêutica socrática. Como observa Starobinski, sua primeira característica é a assimetria do diálogo entre Gordon e o Ingênuo:

o homem da natureza partilha o cativeiro com um teólogo que reprova a natureza e a ela opõe a graça eficaz. Nenhum contraste mais acentuado. Mas essa antítese comporta a possibilidade de uma permutação. Gordon está cercado de livros, e fará a educação intelectual do Ingênuo: este passará da espontaneidade instintiva ao conhecimento refletido, da individualidade ignorante à universalidade racional. (STAROBINSKI, 2001, p. 157).

Esta passagem corrobora nossa hipótese, pois a liberdade *in natura* comporta a *espontaneidade instintiva* e a *individualidade ignorante*, enquanto a liberdade *mediada* só é possível após o *conhecimento refletido*, posto que ela se encontra em pacto com a *universalidade racional*. Esse encontro é muito emblemático, pois a assimetria do diálogo permite ao educador se educar, “de teólogo fanático, ele se transmuta em adepto da filosofia natural.” (STAROBINSKI, 2001, p. 157).

Esse processo dialético de formação é um ideal das Luzes, é “[...] a oportunidade de passar de uma primeira a uma *segunda* visão da realidade [...]”

(STAROBINSKI, 2001, p. 158). Mas como se dá esse processo? O que o Ingênuo aprende e ensina?

O primeiro assunto a ser tratado pelos dois prisioneiros, ou se quisermos pelo discípulo e pelo mestre, foi a respeito da providência. Falaram da condição de Gordon, e ao fim do primeiro diálogo, ele diz que o bem mais precioso do homem é a liberdade. Esta aparece no exato centro do livro, no capítulo X.

Gordon iniciou o Ingênuo na Física de Rohault e nos escritos de Malebranche. Buscou tratar sobre a alma; de como concebemos nossas ideias; de nossa vontade; da graça e do livre arbítrio. Seu questionamento sobre esses temas teve a resposta sincera do Ingênuo de que nada sabia sobre isso (VOLTAIRE, 1959a, p. 276). Como vemos, é um currículo profundo: da física à metafísica. As questões sobre o bem e o mal, e sobre o pecado, respondidas pelo Ingênuo, fora do esquema pecado original-salvação, confundiram o mestre Gordon. Em contrapartida, esse contato com Gordon e com as leituras e discussões que ele lhe proporcionava fazia com que o espírito do Ingênuo se fortificasse cada vez mais (VOLTAIRE, 1959a, p. 277). A História era pauta de debates, e sobre ela tiraram a seguinte conclusão: “na verdade, a História nada mais é senão o quadro dos crimes e das infelicidades.” (VOLTAIRE, 1959a, p. 277).

No capítulo XI, temos a declaração fundamental para nosso artigo. O Ingênuo diz: “eu estaria tentado [...] a crer nas *metamorfoses*, pois fui mudado de *bruto em homem*.” (VOLTAIRE, 1959a, p. 278. Grifo meu). Poderíamos falar, aqui, em mutação ontológica? Sim. Não foi a fisiologia que mudou, mas o espírito que passou da espontaneidade à reflexão. Na História da Filosofia, só o homem é livre, pois é capaz de escolhas mediadas pela consciência temporal. O Ingênuo era homem no sentido biológico e livre segundo a natureza, agora ele mesmo reconhece que é homem biologicamente e espiritualmente. Sua liberdade agora é *mediada* pelo conjunto de experiências empíricas vividas no percurso do Canadá a Paris e pelo complexo mundo da cultura sistematizado em forma de conhecimento científico. O gênio do Ingênuo é maturado.

Essa evolução e consciência de si mesmo causou espanto a Gordon, “Como! [...] passei cinquenta anos a instruir-me, e tenho receio de não conseguir alcançar o bom senso natural desta criança selvagem! Tremo ao pensar que terei estado,

laboriosamente, fortalecendo preconceitos; ele só escuta a simples natureza.” (VOLTAIRE, 1959a, p. 281).

No percurso ainda de sua formação, eles leram sobre astronomia e teatro, neste se detiveram por muito tempo, examinaram obras de Molière e de La Fontaine, o Ingênuo cada vez mais impressionava o velho jansenista:

o juvenil Ingênuo assemelhava-se a uma dessas árvores vigorosas que, nascidas em solo ingrato, estendem em curto prazo suas raízes e seus ramos quando transplantadas num terreno favorável; era bem extraordinário que uma prisão fosse esse terreno. (VOLTAIRE, 1959a, p. 281).

Foi nesse paradoxo, Bastilha/liberdade, que encontramos a passagem da liberdade *in natura* à liberdade *mediada*. Foi impressionante a evolução do Ingênuo, ele tinha um grande mestre: Voltaire. Como afirma Varloot: “ao fim do romance, ele não é mais um Ingênuo, sua natureza teve de ser cultivada, e não ao acaso, pois é Voltaire seu professor.” (VARLOOT, 1955, p. 21). Voltaire lhe ensina as vantagens da civilização e opera em seu espírito o nascimento do novo filósofo, o filósofo da ação. A Bastilha é esse paradoxo, lugar de prisão e liberdade. E é contra ela que ele luta, pois é símbolo das injustiças do Estado e dos jesuítas. Ele mesmo foi vítima dessa injustiça.

Considerações finais

Para mim, a passagem da liberdade *in natura* à liberdade *mediada* tem, na figura de Eros e na formação humanista do Ingênuo, na Bastilha, sua fundamentação e seu paradoxo. Assim, para tecer algumas considerações finais, retomo a formação do Ingênuo. Voltaire nos diz, no capítulo XIV, que a causa dos rápidos progressos que o Ingênuo fazia, principalmente nas ciências do homem, estava “[...] na sua educação selvagem quase tanto quanto na têmpera de sua alma: porque, nada tendo aprendido em sua infância, não tinha adquirido preconceitos.” (VOLTAIRE, 1959a, p. 287). O bom senso natural do Ingênuo foi o ponto de partida de sua formação. Pois ele via as coisas como elas são e não através das representações imputadas pelos erros metafísicos e epistemológicos dos filósofos. É nesse capítulo também, que Gordon reconhece os limites de sua formação, e nesse momento foi o jansenista convertido pelo hurão.

(VOLTAIRE, 1959a, p. 288). A obra se completou, pois o educador se educou no processo educativo.

O Ingênuo, ao fim do romance, se torna filósofo. Mas quem é o filósofo de Voltaire? Ousamos: o Ignorante, ou os seus personagens que não conhecem a filosofia oficial, mas que filosofam. Eis um problema interessante no Ingênuo, de Voltaire. Na Bastilha, ele se torna um *filósofo intrépido* “[...] um soldado desta armada intelectual que contribuirá para fazer cair o regime na época das prisões abominadas.” (VARLOOT, 1955, p. 9).

No escrito *O filósofo ignorante*, de 1766, temos a definição de filósofo e de filosofia. Quanto ao filósofo, amante da sabedoria e da verdade, Voltaire assevera que, “o filósofo não é um entusiasta; não se erige em profeta, não se diz inspirado pelos deuses [...]” (VOLTAIRE, 2001, p. 01), estes são perseguidos, e lembra do jesuíta Le Tellier que perseguiu Fontenelle no tempo de Luís XIV. (VOLTAIRE, 2001, p. 06). Ele mesmo foi um exemplo entre tantos perseguidos na França. Ainda sobre o filósofo, na seção V, ele diz: “O filósofo é o amante da sabedoria e da verdade: ser sábio é evitar os loucos e os maus. O filósofo, portanto, só deve viver com filósofo.” (VOLTAIRE, 2001, p. 15). Esta sentença explica bem por que Gordon, quando saiu da prisão, foi morar com o Ingênuo: “o bom Gordon viveu com o Ingênuo, até o fim dos seus dias, na mais íntima amizade [...]” (VOLTAIRE, 1959a, p. 308).

Quanto à Filosofia não é diferente, Voltaire também afirma que desde seu nascimento ela foi perseguida, e lembra que, em muitos países civilizados, os sacerdotes se punham a ser filósofos. Aí cometeram grandes absurdos, erros e má interpretação em nome da Filosofia.

Nosso filósofo (Ingênuo) e seu amigo (Gordon) foram soltos da prisão graças à intervenção de sua amada. Intervenção esta que causou a vergonha e a morte da amada. O último capítulo remete-nos ao primeiro, a melancolia da perda, a experiência da morte e o sofrimento da ausência. Porém, em ambos os capítulos há uma compensação. No primeiro, a chegada do Ingênuo como recompensa pela perda do irmão, no último, o reconhecimento oficial do Ingênuo e a recompensa de todos que o cercavam pelo sofrimento e pela perda de sua amada.

Mas a morte da St. Yves foi “calculada para nos provocar emoção”. (JONES, 1957, p. 28). E esse parecer ser o último e mais doloroso momento de aprendizagem do Ingênuo, não basta ser homem de letras, filósofo intrépido e guerreiro, faz-se necessário ser humano. E a certeza da finitude e o sofrimento da perda fazem do mais bruto dos homens o mais frágil de todos os seres. Eros cumpriu seu destino. Do nascimento, no capítulo V, à morte, no capítulo XX, foi Eros que encaminhou a liberdade *in natura* à liberdade *mediada*. Eros sobrevive como potência e memória.

A experiência de escrever sobre *L'Ingénu* não tem par. É uma obra instigante e de vários horizontes a ser explorados. A ideia da passagem da liberdade *in natura* à liberdade *mediada*, desenvolvida acima, não seria possível sem as leituras dos escritos literários e filosóficos de Voltaire. Não posso deixar de manifestar a satisfação de ter encontrado, depois de tantas leituras e dúvidas, a tese de Jean Varloot sobre a liberdade como tema central da obra. Embora eu tenha caminhado por dentro da obra, diferentemente dele, sua contribuição é indiscutível para que eu pudesse ter segurança em sustentar minha hipótese.

Mas o que importa mesmo neste artigo? A apresentação de uma obra cuja experiência de leitura nos trans-forma. A obra *L'Ingénu* está muito distante da *sensibilidade intelectualizada*, ele é por inteiro sensibilidade, as lágrimas do Ingênuo não têm nada de racional, a morte de St. Yves não é um tratado sobre a finitude, a saudade da amada não é um tratado sobre a memória. O último capítulo do livro desfaz, para mim, qualquer tentativa de redução do *L'Ingénu* a quaisquer formas de teoria. Ele é uma obra viva, atual, que, por força e sentimento de seu autor, carrega em si várias questões passíveis de serem analisadas desde o prisma da História, da Filosofia, da Literatura, da Política etc. Isso não implica em reducionismo, ao contrário, *L'Ingénu* é possibilidade de alargamento da consciência em direção ao futuro, pois ele nos ajuda a pensar e repensar a evolução de nosso espírito e a condição de nossa liberdade. Ele nos incita a trabalharmos para que, hoje e amanhã, os exemplos de injustiças sejam apenas letras sobre as páginas da História.

Por fim, gostaria de acrescentar que, tendo com tema central a liberdade, a leitura da obra *L'Ingénu* possibilita uma redescoberta do sentido da liberdade e descoberta de si mesmo, ela é uma reflexão sobre o presente, visto que, como nos

disse Paul Valéry, *Voltaire é indefinidamente atual* (JONES, 1957, p. 38). E, por isso, *L'Ingénu* continua uma “história verdadeira”, uma vez que, na História, várias vezes a palavra liberdade não pôde ser dita nem vivida.

Referências

- BÉNAC, Henri. Apresentação. In: VOLTAIRE. *Romances e contos*. Trad. Lívio Teixeira. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1959. Vol. I.
- JONES, William R. Introduction. In: Voltaire. *L'Ingénu: histoire véritable*. Édition critique par William R. Jones. Paris, Genève: Minard, Droz, 1957.
- LEPAPE, P. Voltaire. *Nascimento dos intelectuais no Século das Luzes*. Trad. Mário Pontes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- NASCIMENTO, Maria das Graças de S. do. *Voltaire: a razão militante*. São Paulo: Editora Moderna, 1993.
- POMEAU, R. *Voltaire par lui-même*. Paris: Éditions du Seuil, 1966a.
- _____. Voltaire Conteur. In: VOLTAIRE. *Romans et contes*. Chronologie, préface et notes par René Pomeau. Paris: Garnier-Flammarion, 1966b.
- _____. Note sur L'Ingénu. In: VOLTAIRE. *Romans et contes*. Chronologie, préface et notes par René Pomeau. Paris: Garnier-Flammarion, 1966c.
- STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização: ensaios*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- VOLTAIRE. *Romans et contes*. Chronologie, préface et notes par René Pomeau. Paris: Garnier-Flammarion, 1966.
- _____. *Romances e contos*. Trad. Lívio Teixeira. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1959a. Vol. I.
- _____. *Romances e Contos*. Trad. Lívio Teixeira. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1959b. Vol. II.
- _____. *O filósofo ignorante*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. *Cartas Filosóficas*. Trad. Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2007a.

_____. *A Filosofia da História*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2007b.

_____. *Dictionnaire Philosophique*. Paris. Librairie Garnier Frères, S/D. Tomme. II

_____. *L'Ingénu*. Introduction, commentaires et notes explicatives par Jean Varloot. Paris. Éditions Sociales, 1955.

_____. *L'Ingénu: histoire véritable*. Édition critique par William R. Jones. Paris, Genève: Minard-Droz, 1957.

VARLOOT, Jean. Sens et valeur de L'Ingénu. In: Voltaire. *L'Ingénu*. Introduction, commentaires et notes explicatives par Jean Varloot. Paris. Éditions Sociales, 1955.

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia
da Universidade de São Paulo e
Bolsista FAPEMA

Professor do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas-Geografia da Universidade Federal do
Maranhão-Campus Grajaú

E-mail: ubiratanerodrigues@gmail.com